

AS CIDADES POSSÍVEIS NAS IMAGENS URBANAS

Julio Cesar Rodrigues Cattapan
UFF

Resenha de PRYSTHON, Angela (Org.). *Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

Reunindo quatorze artigos de pesquisadores da área de Comunicação Social, o livro *Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas*, organizado por Angela Prysthon, estabelece como escopo de análise, em seu prefácio, elucidar as peculiaridades das transformações urbanas recentes e as representações dessas transformações nos meios de comunicação. De fato, a relação estreita entre mídia e cidade torna-se mais evidente após a Segunda Guerra, quando os meios de comunicação de massa, notadamente os audiovisuais, consolidam-se como a principal via de acesso à vida urbana. Nas metrópoles contemporâneas, a vivência do sujeito na cidade torna-se cada vez mais um conjunto de experiências mediadas. E, nessa mediação, imagens de cidade são produzidas e integradas ao imaginário coletivo. Os habitantes das metrópoles negociam as leituras e propostas de urbe que a mídia oferece por meio da reconstrução constante de espaços urbanos imaginários.

Mas cabe uma indagação inicial, anterior a qualquer tipo de análise sobre a relação atual entre cidade e mídia: como se configuram as grandes cidades contemporâneas? Que transformações na vida urbana de fins do século XX e início do XXI trouxeram um novo modo de perceber e vivenciar a cidade?

Já no primeiro artigo do livro, Celia Romea Castro aproxima-se dessa nova urbe com o conceito de cidade criativa. Partindo da constatação de que a criatividade é lucrativa — as atividades econômicas relacionadas com a criatividade humana constituem 50% do produto interno bruto (PIB), diante de setores em decadência, como a indústria ou os serviços — as cidades contemporâneas investem cada vez mais em atividades culturais, recreativas, artísticas ou tecnológicas, tais como o turismo, os festivais de música, teatro, cinema e literatura, o artesanato, a gastronomia, o *design* e a informática. A antiga cidade como lugar da produção industrial capitalista cede espaço

para a nova cidade enquanto rede e fluxo de informações, conhecimento, imagens e tecnologia.

O acesso ao conhecimento torna-se mesmo uma condição para o exercício da cidadania nas cidades contemporâneas. Abordando especificamente a divulgação do conhecimento científico nos meios urbanos, Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes analisa o caso do acidente com o Césio 137, em Goiânia, para mostrar como a não divulgação do conhecimento científico pode afetar negativamente a vida nas cidades. Lugar em que se produzem e se aplicam as novas tecnologias e descobertas científicas, a cidade exige de seus habitantes uma constante atualização de seus conhecimentos, para que atuem de modo consciente na vida urbana.

Mas a atuação na vida urbana começa a se diluir, ou, ao menos, sofre importantes modificações. Com as novas tecnologias de comunicação e informação, notadamente a internet, as interações de corpo presente no espaço urbano começam a ser substituídas por interações no espaço virtual, o que permite pensar na constituição de cidades virtuais. No artigo “Espaço urbano, televisão, interação”, Yvana Fachine analisa como os meios de comunicação criaram novos espaços de sociabilidade. Utilizando-se dos conceitos de telecidade e videocidade de Paul Virilio, a autora propõe que a cidade se tornou uma experiência de mediação. Na nova configuração da experiência urbana, a vivência do espaço físico se rarefaz em prol de um espaço prático moldado pelas possibilidades de acesso de ordem não material, ou seja, os meios eletrônicos oferecem novas formas de acesso aos locais, às pessoas e às instituições que prescindem do espaço físico. Ocorre uma dissociação entre lugar físico e lugar social à medida que o ciberespaço e os meios de comunicação estabelecem novas instâncias de encontro. As diversas modalidades de mídia, portanto, configuram-se como um novo lugar em que se realiza grande parte da experiência urbana contemporânea.

Em seu artigo “O ciberespaço como cidade ideal: sobre os estranhos destinos de uma metáfora urbana”, Erick Felinto mostra como esse espaço urbano virtual, que ele chama de cibercidade digital, engendrou uma nova utopia de cidade. Diante dos perigos e ameaças trazidos pela violência dos grandes centros urbanos, o espaço virtual passa a ser imaginado como o lugar onde o sujeito urbano encontra abrigo e proteção. Desse modo, o ciberespaço se apresenta como uma versão tecnológica da antiga noção teológica de Paraíso; ele é associado à antiga imagem da cidade celestial, em que os fiéis estariam livres das penas terrestres e das dores do mundo, num lugar de luminescência, de limpeza absoluta e da disponibilidade de todas as coisas agradáveis. No que se constitui como uma espécie de tecnorreligião, as cibercidades transformam-se em espaços espirituais, em que o sujeito urbano perde sua corporeidade e, portanto, encontra-se imaginariamente livre de todos os perigos da metrópole.

De fato, como defende Eduardo Duarte em seu artigo, o desejo de constituir cidades nasce da percepção de uma ameaça: diante dos perigos representados pela natureza, os seres humanos criam um ecossistema próprio, segregado do mundo natural. Seguindo as ideias do biólogo Humberto Maturana, o autor propõe que a cidade é resultado de uma ação coletiva inconsciente e espontânea da espécie humana como meio de garantir a sobrevivência da espécie, assim como se pode observar nos modos de organização coletiva de outros animais, como as abelhas e as formigas. No entanto, com o homem, essa relação é mais complexa, pois há nele a imaginação e a dimensão do desejo. Ele constrói imagens de cidade nas quais projeta seus desejos mais inconscientes. E a mídia torna ainda mais complexas essas imagens urbanas na medida em que lhes serve de espelho, mas um espelho que seleciona o que deve ser mostrado, construindo cidades invisíveis e imaginárias a partir dos fragmentos da cidade real. Constitui-se, portanto, um novo sentido de cidade descolado do sentido vivenciado na urbe, mas que retorna para a cidade vivida e redimensiona sua existência.

A mídia como lugar de embate pela visibilidade é analisada por Cristina Teixeira Vieira de Melo em seu artigo “*Cidade dos Homens*, a periferia no universo do visível”. A partir da análise de dois episódios da série *Cidade dos Homens*, exibida pela Rede Globo, a autora conclui que a televisão é permeada pelo embate entre formações discursivas. No caso da série em questão, entre a classe média e a periferia. Como a mídia possui papel central na definição do que se tornará visível, ela passa a ser considerada uma garantia de existência para os habitantes da urbe. Nesse contexto, os sujeitos não só desejam estar na mídia, mas também almejam definir como serão representados, instaurando uma disputa pelo controle das representações sociais.

No artigo “Da pobreza à barbárie: a mudança na imagem da favela no noticiário de crime”, Paulo Vaz, Carolina Sá-Carvalho e Mariana Pombo mostram como a derrota nessa disputa resulta na construção social de imagens desfavoráveis aos moradores das favelas. Numa análise comparativa entre o noticiário de crime do jornal *O Globo* em 1983 e o do mesmo jornal em 2001 e 2002, os autores examinam as mudanças ocorridas nesse período na forma como as favelas aparecem nas reportagens, num processo que resultou na associação entre favela e crime, que atualmente perpassa o imaginário dos cariocas. Como estratégia para aproximar o leitor das reportagens, os eventos criminosos nas favelas são noticiados não mais como específicos de uma determinada situação ou contexto, mas generalizados: eles passam a ameaçar potencialmente todos os moradores da cidade. Cria-se, assim, o “nós” do asfalto, detentores da razão e da civilização, em oposição ao “eles” das favelas, lugares então associados à barbárie. Os moradores das favelas, que em 1983 eram considerados vítimas a serem resgatadas pela sociedade, em 2001 e 2002 são postos sob suspeita, confundidos com os próprios

criminosos. Isso justificou a repressão policial à favela como um todo, instaurando um clima de guerra em que se naturalizou a morte dos moradores pelos policiais, haja vista que a imagem midiática deles os tornava indistintos dos criminosos.

A forma como os meios de comunicação constroem as identidades sociais dos marginalizados pela sociedade é analisada no artigo de Rosana de Lima Soares. A autora detém-se especificamente nas imagens construídas pelo cinema brasileiro contemporâneo. Comparando a produção atual ao cinema brasileiro da década de 1960, a autora constata que os filmes recentes não propõem mais uma transgressão das desigualdades sociais por meio de uma transformação do sistema. Hoje não se fala mais em transformação, mas em inclusão social. Ou seja, o mundo não precisa ser transformado, desde que o maior número possível de pessoas possa ser integrado a ele, usufruir de suas benesses e participar do consumo. Muitos dos conflitos sociais presentes nas paisagens urbanas criadas no cinema brasileiro recente são explicados pela impossibilidade de acesso a esses bens, pela limitação do consumo de uma parcela da população que, por esse motivo, passaria a ter comportamentos socialmente indesejáveis, recorrendo mesmo à violência. Os personagens urbanos marginais desse cinema estão quase sempre em trânsito, pois não encontram seu lugar de pertencimento na cidade.

Angela Prysthon também elege as imagens cinematográficas urbanas como objeto de estudo; mais especificamente, seu artigo trata das representações das metrópoles latino-americanas no cinema latino-americano contemporâneo. A cidade se faz presente, na maioria das vezes, como mero pano de fundo para criar um efeito de real, ainda que o resultado seja sempre uma cidade de fantasia, um mosaico de imagens estereotipadas. As representações fílmicas mais comuns são ou a cidade da virtude, reproduzindo as imagens agradáveis dos cartões-postais; ou a cidade do vício, numa atitude de denúncia das mazelas urbanas; ou, ainda, a cidade como uma mistura de virtude e vício, numa imagem complexa que revela as contradições da vida urbana.

Em seu artigo “A representação visual da memória. Imagens e melancolia na cidade periférica”, Paulo C. Cunha Filho analisa como fotografias do Recife do início do século XX construíram não apenas uma memória de cidade, mas, principalmente, um modo de a cidade se exhibir ao mundo e perceber a si mesma no presente. Numa possível interpretação para a presença ostensiva da máquina nessas fotografias, o autor propõe que as representações imagéticas do Recife antigo não ilustram, mas participam da eclosão do espírito moderno na periferia do capitalismo. Desse modo, as máquinas e tecnologias do mundo industrial estabelecem com as cidades periféricas uma relação de modernidade e dependência. Por um lado, com as representações técnicas, permitem que essas cidades se apresentem ao mundo como modernas, mostrando nas próprias

imagens que seu provincianismo estaria superado; por outro lado, essas máquinas e tecnologias exigem que a periferia se transforme para habilitar-se à representação de si mesma como cidade moderna. Desse modo, as representações imagéticas urbanas participam da efetiva construção da cidade.

A música urbana é o tema de quatro artigos, que, dentre outros aspectos, investigam a atuação da música nas cidades e as imagens urbanas engendradas nas canções. Em “Mídia e música popular massiva: dos gêneros musicais aos cenários urbanos inscritos nas canções”, Jeder Janotti Junior mostra como a música popular massiva é transformada em produto para consumo. Nesse processo, a segmentação em gêneros musicais atende à própria segmentação do mercado consumidor, e o tecido urbano participa da construção de sentidos das canções. Os gêneros musicais são associados a determinadas representações urbanas, constituindo paisagens sonoras que funcionam como mediação para a produção de sentido das canções (Salvador e axé music, Rio de Janeiro e samba, Barretos e música sertaneja). As tessituras urbanas atuam na forma como a música popular massiva é apropriada pelo público-alvo.

No artigo “Manguebit e gentrification: relações entre cultura e espaço urbano em Recife”, Lília Junqueira identifica o movimento Manguebit como um bom exemplo de ocupação inovadora do espaço urbano pela cultura. Trazendo como imagem-símbolo uma antena parabólica enfiada na lama, o movimento propunha uma integração entre a cultura local do Recife e as influências globais. Por meio de uma verdadeira negociação cultural, o Manguebit engendrou uma explosão de criatividade que não se restringiu aos espaços convencionalmente reservados às atividades culturais, mas atingiu o espaço urbano de modo amplo, abrangendo centro e periferia e indo além das divisões de classe.

Seguindo um trajeto semelhante, Marcelo Kischinhevsky e Micael Herschmann mostram em seu artigo como a nova música regional brasileira conquistou seu espaço, adotando uma estratégia de hibridização entre a tradição local e elementos internacionais; mais uma vez, o Manguebit é tomado como um exemplo bem-sucedido dessa hibridização. Apesar da resistência de parte da crítica especializada, essa nova música regional híbrida tornou-se, durante muito tempo, um negócio rentável para a indústria cultural. Outro aspecto interessante analisado pelos autores é como a música regional vem superando a atual crise da indústria fonográfica, adotando meios alternativos de divulgação e distribuição, dentre os quais, destaca-se a internet. No entanto, se esta oferece novas possibilidades, também pulveriza as novas expressões musicais que ela mesma divulga.

Em “Repensando a resistência juvenil: música, política e a recriação do espaço público”, João Freire Filho apresenta uma interessante análise de como os movimentos

de resistência associados à música, como o *punk* e o *club*, vêm ocupando o espaço público nas manifestações contra o livre mercado. Ruas, parques e praças são ocupados por esses movimentos, reconquistando e revitalizando o espaço público como lugar de interação não mediada pelo consumo de mercadorias. As novas mídias e tecnologias da informação são apropriadas por esses ativistas como importantes instrumentos na troca de informações e estratégias de ocupação do espaço público.

Perpassa os artigos do livro, de modo indireto ou mais explícito, a percepção da cidade enquanto espaço cultural híbrido, em que se mesclam o centro e a periferia, o local e o global, o novo e o velho, a modernidade e a tradição, o popular e o erudito, o massivo e o segmentado, numa relação dialética permeada de conflitos e tentativas de conciliação e síntese nem sempre bem-sucedidas. E esse hibridismo encontra espaço importante nos meios de comunicação, que estabelecem com a cidade uma relação também híbrida, ora atuando como simulacro da realidade urbana, ora como modificadores e criadores de realidades urbanas, sempre como lugares privilegiados de expressão das tensões surgidas nas metrópoles contemporâneas.

MINICURRÍCULO:

Formado em Letras (UFF) e Comunicação Social (UFRJ), cursa atualmente o Mestrado em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense, com interesse nas relações entre poesia e espaço urbano.